

Encontrar a intensidade apropriada para poder dizer lugares que já não designam uma condição geográfica ou topológica, mas são lugares poéticos e espirituais

Comunicação de espíritos

Num tempo avesso às coisas do espírito, Maria Capelo tenta reconduzir a atenção para essa outra camada dos coisas que habitam e povoam o mundo e que diz respeito ao invisível.

Nuno Crespo

Deita-te, levanta-te e agora deita-te

De Maria Capelo
Curadoria: Nuno Faria



Lisboa. Fundação Carmona e Costa. Até 18 de Março

Todas as exposições possuem, como ambição, estabelecer a singularidade de um território, de uma sensibilidade, de um fazer. No caso da nova exposição de Maria

Capelo (n. Lisboa, 1970), essa ambição expressa-se através da apresentação daquilo a que o curador chama a sua oficina de bastidores. A qual é composta de imagens, fotografadas, desenhadas ou pintadas, filmes e os livros e poetas que constituem a inspiração da artista ou, como passou a ser convenção dizer dos artistas do século XXI, são os seus materiais de pesquisa. E é importante localizar a junção de todas estas coisas num plano de pesquisa e tornar claro que não se tratar de uma espécie de intrusão nos segredos bem guardados e privados de um artista.

Tratando-se de uma pintora a quem são estranhas outras expressões plásticas – ainda que o desenho ocupe um lugar central na construção do seu universo –, é importante tomar nota da maneira não hierárquica, não cronológica e não causal como são apresentados os seus tão diferentes materiais de trabalho. Quase se poderia dizer serem presenças que, de uma ou outra forma, estão sempre presentes no gesto que desenha e que pinta. E é importante sublinhar esta ideia de procura porque o desenho e a pintura são, para Maria Capelo, uma forma de procura ou, se se preferir, são as ferramentas que utiliza para construir um conhecimento do mundo e da paisagem que o compõe. Mas esta não é uma paisagem em face da qual a artista se destaca e distancia; pelo contrário, as paisagens que continuamente surgem no trabalho desta artista são, simultaneamente, objecto da pintura – o seu referente – e atmosfera vital, condição da vida e da arte, na qual a artista habita, onde se move e actua.

É uma certa ideia de paisagem que domina esta nova exposição: mas existe um paralelismo, acentuado pela contraposição das diferentes obras expostas, entre uma paisagem interior, formada por múltiplas camadas de tempos, coisas e matérias, e uma outra exterior que a artista tenta

fazer surgir nas folhas de papel. E é este encontro entre diferentes dimensões da ideia de paisagem que está em causa.

Para a artista o conceito de paisagem, aprendido com o geógrafo Orlando Ribeiro, não é uma entidade poética, mas significa o modelo da sua observação do mundo e das suas coisas. Numa entrevista, publicada no texto da exposição, diz a artista: “enfrento uma paisagem, um espaço, uma árvore, um ponto de vista de um sítio, um pouco como quem enfrenta um rosto, ao qual tenho de me aproximar insistentemente, para o conhecer”. É nesse ataque que o desenho é fundamental. Um ataque, paciente e atento, que caracteriza tanto os desenhos, como as suas pinturas.

Estas não são paisagens bucólicas ou idílicas, mas lugares duros e austeros. Os lugares que a artista escolheu ler (Serra do Caldeirão, Las Hurdes a partir do filme de Buñuel e as colinas de Santo Stefano Belbo em Itália) têm uma história comum de isolamento, pobreza e violência. E esta é a história dos desenhos da exposição. Não é que Maria Capelo pretenda redimi-los da sua condição essencial de isolamento, mas o seu gesto filia-se numa tensão pictórica: encontrar a imagem certa, a intensidade apropriada, para poder dizer aqueles lugares que já não designam uma condição geográfica ou topológica, mas são lugares poéticos e espirituais.

Num tempo estranho e avesso às coisas do espírito, Maria Capelo tenta reconduzir a atenção para essa outra camada das coisas que habitam e povoam o mundo e que diz respeito ao invisível e à descoberta do ser humano enquanto espírito. E a arte é a ferramenta utilizada para concretizar a descoberta dessa dimensão não-animal do humano: aqui a arte assinala, como diria Bataille, a vitória do humano sobre a sua bestialidade originária. E cada obra desta artista é uma aproximação a esse lugar em que arte abandona a sua condição de objecto no espaço e se transforma, ainda segundo Bataille, numa comunicação de espíritos.

Paraísos perdidos

Maria Condado cria uma pintura sobre a história da beleza. *Luísa Soares de Oliveira*

Do azul faz-se o verde

Maria Condado

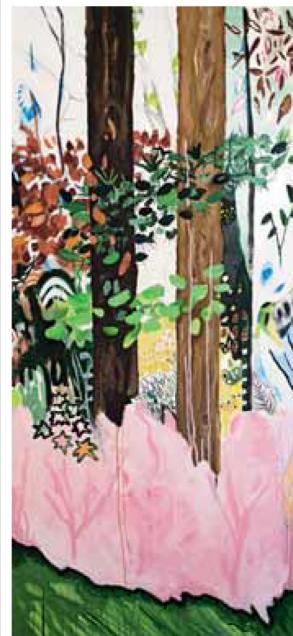


LISBOA. Caroline Pagès Gallery. Rua Tenente
Ferreira Durão, 12, 1º dto. De 3ª a sábado, das
15h às 20h. Até 25 de Março.

Acompanhamos a obra de Maria

Condado (n. 1981) há mais de dez anos, desde que, jovem licenciada em pintura pela ESBAL, mostrava já em Lisboa um corpo de trabalho centrado no tema dos jardins. Este seu interesse amplificou-se nos anos mais recentes, e engloba agora declinações para outro tipo de paisagens deste tipo, nomeadamente a representação de fundos marinhos ou de plantas isoladas, dadas através da mediação ora da pintura, ora do desenho, mas não fugindo nunca a uma leitura da sua própria pertinência como último momento de uma história longuíssima. Neste campo, podemos recuar pelo menos até ao gótico e à construção que então se inicia de metáforas e comparações entre a beleza efêmera de flores e jardins e o culto a uma feminilidade que era, até à data, pouco valorizada. Maria Condado, a propósito desta exposição, lança de resto um livro de artista notável, *Hortus*, o que nos transporta para os inúmeros *hortus conclusus*, os jardins fechados da história da pintura e do culto mariano.

Mas regressemos à pintura de Maria Condado. A primeira impressão é de estarmos perante ambientes mediterrânicos - distingue-se aqui um aloés, ali uma palmeira, e mesmo os ambientes marinhos serão mais relacionáveis com águas relativamente tépidas do que com os gelos árticos... Ora, falar da pintura da paisagem - mesmo que recriada por mãos do homem - do sul da Europa remete-nos de imediato para autores e estilos que celebraram de diferentes maneiras a exuberância da vegetação e da cor, ou a generosidade da natureza, e claro a "alegria de viver" de Matisse. De certo modo, a representação do



É um trabalho sobre a perda, da beleza em primeiro lugar, do próprio lugar da arte em última análise



 **Fânzeres**
São Pedro da Cova
Junta da União dos Freguesianos

Consultar Regulamento em www.fanzeres-saopedrodacova.pt

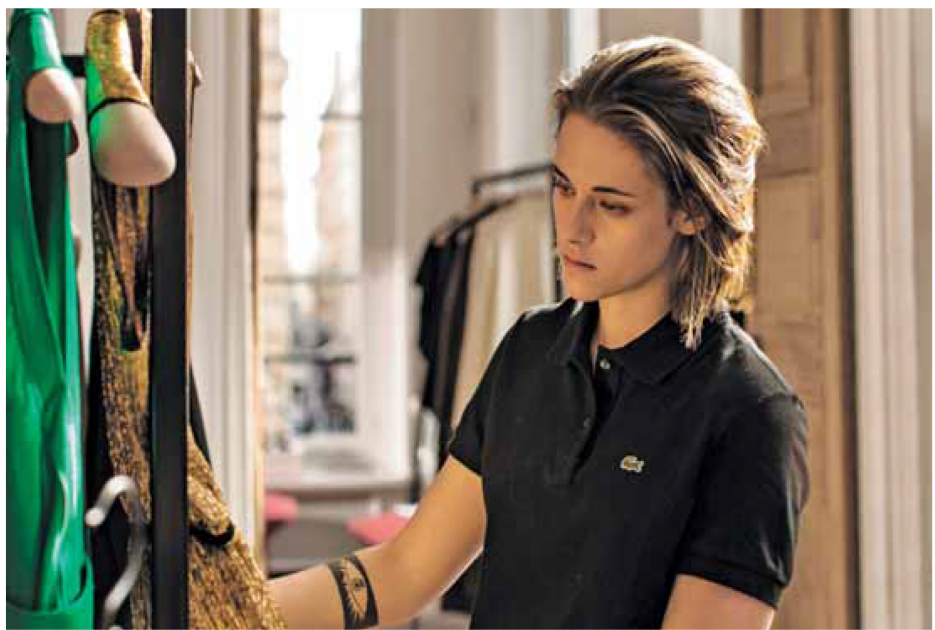
jardim do Sul faz-se sempre por oposição, mesmo que apenas implícita, com a atmosfera fria, cinzenta e, porque não dizê-lo, triste do norte da Europa, e de todas as projecções melancólicas que o romantismo aí operou sobre a natureza. Matisse, como é sabido, é o mestre indiscutível da pintura que festejava tudo aquilo que apreciava na vida: a beleza, da mulher ou da natureza, o dom artístico que lhe tinha cabido nos genes, e claro está o próprio ofício de pintor. A par de incontáveis naturezas mortas, odaliscas, ateliers e modelos nos ateliers, retratos, jardins, e em suma tudo o que celebrasse o impulso da vida por oposição ao drama picassiano (mas Picasso, como Duchamp, muito admiraram Matisse), é no fundo uma tentativa de representar ou apresentar um paraíso sempre fugidio, sempre irrepresentável no fundo, que a sua obra nos tenta oferecer. Para a cor e a forma de Matisse, o jardim do Sul é o jardim do Paraíso, de um Éden original para o qual toda a pintura tende.

Outros eram então os tempos. Na obra de Maria Condado, estas e outras referências estão sempre presentes, muitas vezes de forma não explícita; mas ela sabe, porque a sua cultura e formação isso nos garantem, que existe um fundo cultural e iconográfico na historiografia da arte europeia ao qual nenhum de nós pode fugir. A obra desta pintora, contudo, deixa transparecer os sinais da sua contemporaneidade, e isto de duas formas: em primeiro lugar, abandonando todas as convenções clássicas e mesmo modernas da representação da paisagem manufacturada pelo homem. E, em segundo lugar, ao deixar evidentes os sinais do fazer, do escorrer da tinta, das emendas até que decidiu durante a realização desta ou daquela pintura.

Por isso, não estamos aqui perante imagens paradisíacas, literalmente, mas perante aquilo que a contemporaneidade, que é o tempo de Maria Condado, operou sobre todas as imagens desse paraíso perdido. Numa pintura ao alto, formato tradicionalmente reservado ao retrato mas que é aqui utilizado para a paisagem, a presença desses escorridos manifesta um carácter de incompletude que se torna na grande característica das obras presentes na exposição. Noutros casos, plantas tropicais parecem deslaçar-se na tela, perder as suas raízes e todos os pontos de apoio visuais que nos permitem enquadrá-las no espaço. Mais longe, o traço desenhado a lápis não coincide com a mancha de pintura sobre a folha de papel. E por aí fora.

Este não é por isso um trabalho fácil. É um trabalho sobre a perda, da beleza em primeiro lugar, do próprio lugar da arte em última análise.

Cinema



O envolvimento narrativo descamba, mero pretexto para a relação de Stewart com a câmara

Estreiam

Kristen Stewart e os ectoplasmas

Uma estratégia para filmar a actriz quase sempre sozinha, a contracenar com “presenças” que, sendo invisíveis, podem ou não ser “reais”. *Luís Miguel Oliveira*

Personal Shopper

De Olivier Assayas
Com Kristen Stewart, Lars Eidinger,
Sigrid Bouaziz

★★★★★

Olivier Assayas descobriu Kristen Stewart em *As Nuvens de Sils Maria* e agora não a larga. Haveria ideias piores, por certo – Stewart é uma figura com graça, uma presença capaz de algum mistério, e bem merecia alguém que a arrancasse àquele universo dos *Twilight*s que a popularizou e a mostrasse com

outra luz. Assayas, evidentemente, e parafraseando um célebre título de Truffaut, é um realizador “que gosta de mulheres”, ou pelo menos de actrizes, e não é raro construir os seus filmes em torno do impacto de uma presença feminina – *Irma Vep*, com Maggie Cheung, ou *Boarding Gate*, com Asia Argento, entre outros exemplos. E assim é *Personal Shopper*, inteiramente construído em torno de Kristen Stewart, aqui na pele de uma *personal shopper* (na prática: trata das compras e do guarda-roupa de uma grande vedeta sem tempo para se preocupar pessoalmente com esses detalhes) que tem, como atributo extra, dons mediúnicos, e anda a fazer o luto pela morte do irmão, ele próprio um “medium”.

A tangente ao sobrenatural – logo a primeira sequência, com a primeira aparição dum “ectoplasma” – é estranha, mas não é certo que Assayas esteja realmente preocupado em integrar *Personal Shopper* nessa linhagem de filmes. Parece, sobretudo, uma estratégia para filmar Stewart quase sempre sozinha, a contracenar com “presenças” que, sendo invisíveis, podem ou não ser

“reais”. Algumas dessas cenas são particularmente conseguidas – pensamos, por exemplo, na longa sequência, filmada no decurso de uma viagem de comboio Paris-Londres-Paris, em que Stewart se debate com um ping pong de mensagens de telemóvel em diálogo com um desconhecido de “realidade” indecifrável (e se esquecermos as incidências narrativas, é um retrato certeiro da facilidade com que a comunicação “portátil” pode hoje sorver a atenção de uma pessoa). Para o resto, Assayas procura sobretudo um “ambiente”, assente em efeitos de uma estranheza um pouco pré-fabricada (como na cena em que a banda de som é tomada por uma canção de Marlene Dietrich). E é aí que o filme se revela curto, o seu envolvimento narrativo a pouco e pouco descambando numa indiferença de mero pretexto para o que é de facto essencial: a relação de Stewart (mesmo em tarefas corriqueiras, vaivéns entre lojas, provas de guarda-roupa, consultas médicas) com a câmara. Uma coisa muito física – como uma espécie de longo *screen test* – onde o “sobrenatural” podia ser mero *mcguffin* se Assayas não perdesse tanto tempo com ele. Assim, tende para a exasperação.

O rapaz que caiu à terra

O Espaço que nos Une

The Space Between Us
De Peter Chelsom
Com Asa Butterfield, Britt Robertson, Carla Gugino, Gary Oldman

★★★★★

Que ninguém diga que não é uma citação inesperada: ainda nos primeiros minutos, quando se apresenta o jovem protagonista de *O Espaço que nos Une* (Asa

ASESTRELAS DO PÚBLICO			
	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
O Espaço que nos Une	—	★★★★★	—
Jackie	★★★★★	★★★★★	★★★★★
La La Land	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Moonlight	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Os Olhos da Minha Mãe	★★★★★	●	●
Paris, Texas	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Personal Shopper	—	★★★★★	★★★★★
Stefan Zweig — Adeus, Europa	★★★★★	—	—
T2 Trainspotting	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Toni Erdmann	★★★★★	★★★★★	★★★★★

● Mau ★★★★★ Mediocre ★★★★★ Razoável ★★★★★ Bom ★★★★★ Muito Bom ★★★★★ Excelente